

Filosofia, um modo de vida

Planeta



Marilena Chauí

Filosofia, um modo de vida



**Marilena
Chaui**

Copyright © Marilena Chaui, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Laís Chagas e Bonie Santos
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Laura Lotufo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Chaui, Marilena
Filosofia, um modo de vida / Marilena Chaui. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
144 p.

ISBN 978-85-422-3800-6

1. Filosofia I. Título

25-3624

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Carta à leitora e ao leitor	7
1. Filosofia, um modo de vida	9
2. Da <i>ars</i> como <i>tekhné</i> às belas-artes	25
3. Natureza, cultura, patrimônio ambiental	47
4. A ética como ideologia	71
5. Do espaço ao ponto e do tempo ao instante	97
6. O enigma da servidão voluntária	119
Agradecimento	141

FILOSOFIA, UM MODO DE VIDA¹

Conta a lenda que o primeiro filósofo, Tales de Mileto, interessava-se pelo estudo das estrelas e que um dia, olhando para o céu, tropeçou numa pedra e caiu numa vala. Uma serviçal que o acompanhava exclamou: “Como pretendes, ó Tales, tu, que não consegues sequer ver o que está à tua frente, conhecer tudo sobre o céu?”.

Essa lenda serviu, desde a Antiguidade, para a invenção da imagem do filósofo como alguém distraído, incapaz de prestar atenção nas coisas mais simples, dedicando sua vida a contemplar o que se encontra distante.

Dessa imagem nasceu também uma pergunta: “Para que filosofia?”. Muito conhecida é a resposta que ela costuma receber: “A filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual”.

1 Este ensaio foi originalmente uma conferência na Universidade São Bento, em São Paulo, quando da criação do curso de Filosofia, em 1992.

Imaginação de gente distraída, a filosofia não tem serventia alguma. Assim julga o senso comum.

Eis por que o registro doxográfico de Diógenes de Laércio de uma afirmação atribuída a Pitágoras vai exatamente em sentido inverso ao da acompanhante de Tales e do senso comum. Segundo Pitágoras, aos Jogos Olímpicos comparecem três tipos de pessoas: as que vão para competir, as que ali vão para comerciar e aquelas que lá estão para contemplar, compreender e avaliar os acontecimentos. A estes, Pitágoras teria dado o nome de *filósofos*.

Se acompanharmos Pierre Hadot em *O que é a filosofia antiga?*, a palavra *sophía* possui dois sentidos que o pensamento moderno costuma separar: *saber* e *sabedoria*. Em outras palavras, o pensamento moderno distingue entre conhecimento racional (saber) e vida moral (sabedoria), isto é, entre conhecer e agir. Essa distinção leva a diferenciar dois sentidos para *sophós*: sábio é aquele com conhecimentos científicos, históricos, artísticos – o cientista e a pessoa culta ou cultivada –, mas pode ser também aquele que sabe conduzir-se bem na vida e alcançar a felicidade – o homem virtuoso, o agente moral verdadeiro.

Comentando a pluralidade de sentidos de *sophía* e *sophós* no grego arcaico, Hadot lembra que, em Homero e Hesíodo, essas palavras se referem a um saber-fazer – o bom carpinteiro, o bom médico, o bom poeta são *sophói* e possuem *sophía*; mas, na tradição grega, inclui-se, além do saber técnico, o saber político ou a capacidade legisladora e oratória – nesse sentido, Sólon foi um dos Sete Sábios –, e também o que poderíamos chamar de saber científico – por

esse motivo, Tales também foi um dos Sete Sábios. E, justamente por se apresentarem como mestres de eloquência e de todos os ofícios, os sofistas se diziam *sophói*.

É interessante observar que, inspirando-se em Nietzsche – portanto, num filósofo que prezava a Grécia arcaica contra a Grécia clássica –, Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *O que é filosofia?*, parecem retornar a esse sentido mais antigo de *sophía*, pois definem a filosofia como criação ou fabricação de conceitos:

A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. [...] Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: “os filósofos não devem contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los”.²

2 Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 11-12.

O sentido poiético, ou fabricante da antiga *sophía*, tenderá a desaparecer na Grécia clássica e, mais precisamente, com Sócrates e Platão, com os quais *sophía* ganha o sentido que dará origem à palavra *philosophía*. *Sophía* é conhecimento racional e maneira de viver segundo o conhecimento racional. *Philosophía*, amizade pela *sophía*, por sua vez, é a busca do saber teórico ou contemplativo e um modo de vida.

É sob essa perspectiva que podemos ler, em *A República*, o mito ou a alegoria da caverna, no momento em que Platão explicita o contraste profundo entre uma vida na escuridão e uma vida na luz do conhecimento.

Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um alto muro. Entre este e o chão da caverna, há uma fresta por onde passa alguma luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde seu nascimento, geração após geração, seres humanos ali estão acorrentados, sem poder mover a cabeça na direção da entrada, nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo. Eles vivem sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do Sol, sem jamais ter efetivamente visto uns aos outros, pois não podem mover a cabeça nem o corpo, e sem ver a si mesmos, porque estão no escuro e imobilizados.

Abaixo do muro, do lado de dentro da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que se passam do lado de fora sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna. Do lado de fora, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres, animais

cujas sombras também são projetadas na parede da caverna, como num teatro de fantoches. Os prisioneiros julgam que as sombras de coisas e pessoas, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são seres vivos que se movem e falam.

Os prisioneiros se comunicam, dando nomes às coisas que julgam ver, e imaginam que escutam as vozes das próprias sombras, e não as dos homens cujas imagens estão projetadas na parede. Também acreditam que os sons produzidos pelos artefatos que esses homens do lado de fora carregam são vozes de seres reais. Qual é, pois, a situação dessas pessoas aprisionadas? Tomam sombras por realidade, tanto as das coisas e as dos homens exteriores como as sombras dos artefatos fabricados por eles. Essa confusão, porém, não tem como causa a natureza dos prisioneiros, e sim as condições adversas em que se encontram. Que aconteceria se fossem libertados dessa miséria?

Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la. Fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. De início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção do muro e o escala. Enfrentando as durezas de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna. No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do Sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a ação da luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia

no interior da caverna. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento. Incredulidade porque será obrigado a decidir onde se encontra a realidade: no que vê agora ou nas sombras em que sempre viveu. Deslumbramento (literalmente: ferido pela luz) porque seus olhos não conseguem ver com nitidez as coisas iluminadas. Seu primeiro impulso é retornar à caverna para livrar-se da dor e do espanto, atraído pela escuridão, que lhe parece mais acolhedora. Além disso, precisa aprender a ver, e esse aprendizado é doloroso, fazendo-o desejar a caverna, onde tudo lhe é familiar e conhecido.

Sentindo-se sem disposição para regressar à caverna por causa da rudeza do caminho, o prisioneiro permanece no exterior. Aos poucos, habitua-se à luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de finalmente ver as próprias coisas, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. Daqui em diante, desejará ficar longe da caverna para sempre, e lutará com todas as suas forças para jamais regressar a ela. No entanto, não pode evitar lastimar a sorte dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertar também.

Que lhe acontece nesse retorno? Os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras – e, se não conseguirem silenciá-lo com suas caçoadas, tentarão espancá-lo. E, se mesmo assim ele teimar em afirmar o que viu e os convidar a sair da caverna, certamente acabarão por matá-lo. Mas, quem sabe, alguns poderão ouvi-lo e, contra

a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade.

O que é a caverna? O mundo de aparências em que vivemos. Que são as sombras projetadas no fundo? As coisas que percebemos. Que são os grilhões e as correntes? Nossos preconceitos e opiniões, nossa crença de que o que estamos percebendo é a realidade. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz do Sol? A luz da verdade. O que é o mundo iluminado pelo Sol da verdade? A realidade. Qual o instrumento que liberta o prisioneiro rebelde e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A filosofia. Eis por que Platão afirma que a filosofia nasce da admiração.

No diálogo *Eutidemo*, Platão define a filosofia como o uso de um saber em proveito dos humanos, ou uma ciência na qual coincidem saber e fazer valer aquilo que se sabe. Todavia, é em *O Banquete* que a vida filosófica é mais bem definida, pois ali ela é amor ou desejo de sabedoria. A filosofia é, como seu nome diz, uma experiência de amor. Por isso mesmo, uma experiência de desejo. Ora, a marca do desejo é o sentimento de uma ausência, da falta de algo que completa nosso ser, dando-nos uma vida plena. Eis por que é filósofo aquele que deseja o saber, pois se sabe privado dele. É por ser desejo e busca que ela não pode ser possuída por alguém, e é nesse sentido que Sócrates interpreta o oráculo de Delfos, isto é, ele é o mais sábio dos homens porque sabe que nada sabe.

Sócrates e Platão instituem, assim, uma distância insuperável entre a filosofia – aspiração pelo saber – e a sabedoria

– posse plena do saber. É também essa percepção da distância entre o desejo e sua realização que encontramos na *Metafísica* de Aristóteles, quando, depois de explicar que a filosofia nasce do espanto e da aporia, Aristóteles explica que se há espanto e aporia é justamente porque o filósofo reconhece sua própria ignorância, e é para suprimi-la que ele filosofa.

Todavia, porque a filosofia é também modo de vida, desde Sócrates a escolha desse modo de vida não é algo que aconteça depois de realizado o percurso teórico, não vem depois de concluído o processo da atividade filosófica teórica, mas, ao contrário, esse modo de vida se encontra na origem do processo, é sua razão de ser. Como escreve Hadot, trata-se de uma escolha feita:

[...] em uma complexa interação entre a reação crítica a outras atitudes existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária; e essa opção determina até certo ponto a própria doutrina e o modo de ensino dessa doutrina. O discurso filosófico tem sua origem, portanto, em uma escolha de vida e numa opção existencial, e não o contrário.³

Aristóteles afirma que todos os seres finitos estão em mudança contínua porque buscam atualizar suas potencialidades para se realizar plenamente. Essa distância entre o

3 Hadot, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 17-18. (Coleção Leituras Filosóficas).

que somos em potência e o que desejamos ser em ato é o que nos faz diferentes do divino, pois este existe sempre em ato, não carecendo nunca de modificar-se para atualizar potencialidades.

O divino é *sophia*, saber e sabedoria plenamente e eternamente realizadas. Por isso, os humanos que desejam acercar-se do divino escolhem o mais excelente modo de vida, o amor à sabedoria, *philosophía*, que os faz, por pouco tempo, experimentar a plenitude para sempre duradoura do divino.

Não nos esqueçamos de que a filosofia nasce na Grécia simultaneamente com o surgimento de um novo tipo de palavra e de um novo tipo de poder: a palavra dos guerreiros em assembleia e a política democrática. A assembleia dos guerreiros é um momento de *isegoria* e de *isonomia*: todos têm igual direito à palavra e todos estão submetidos às mesmas normas. Essa palavra igualitária, que marca também o início da democracia, introduz a ideia de palavra compartilhada entre iguais. Ora, tanto em Homero e Hesíodo como em Platão e Aristóteles, essa relação é de *philia*, amizade, somente possível entre iguais.

Sob essa perspectiva, a filosofia é um modo de vida que busca, pela amizade ao saber, instituir a amizade entre iguais, fazê-los compartilhar ideias e ações. Dessa maneira, compreendemos que a decisão filosófica jamais acontece na solidão, mas no meio da cidade e na formação de um círculo de amigos que compartilham o mesmo modo de vida. Como formar e congregar os amigos do saber? Pela criação de um *discurso novo*, de uma forma nova de argumentar racionalmente com força lógica e persuasiva, exercendo uma

ação sobre o interlocutor para que, argumentando também, ele participe da comunidade. Dessa maneira, a filosofia é um modo de vida que suscita uma maneira de pensar e uma maneira de falar que põem em ação a razão. Comunicativa, a filosofia é uma atividade racional expressiva cuja finalidade é tornar cada um melhor e, dessa maneira, tornar todos melhores.

Escreve Hadot:

Filosofia e discurso filosófico apresentam-se assim incomensuráveis e inseparáveis.

Incomensuráveis, em primeiro lugar, porque, para os antigos, se é filósofo não em função da originalidade ou da abundância do discurso filosófico que se inventou e desenvolveu, mas em função da maneira pela qual se vive. Trata-se, antes de tudo, de tornar-se melhor. E o discurso só é filosófico quando se transforma em modo de vida. [...]

Vida filosófica e discurso filosófico são incomensuráveis sobretudo porque de ordem totalmente heterogênea. O que faz o essencial da vida filosófica, a escolha existencial de um certo modo de vida, a experiência de certos estados, de certas disposições interiores, escapa totalmente à expressão do discurso filosófico. [...] Essas experiências não são da ordem do discurso ou das proposições.

Incomensuráveis, mas também inseparáveis. Não há discurso que mereça ser chamado filosófico se estiver separado de uma vida filosófica; não há vida filosófica se não estiver estreitamente ligada ao discurso filosófico. [...]

Ao contrário, a vida filosófica não pode passar sem o discurso filosófico, com a condição de que esse discurso seja inspirado e animado por ela. [...] Enfim, o discurso filosófico é mesmo uma das formas do exercício do modo de vida filosófico, sob a forma de diálogo com outros ou consigo mesmo.⁴

Sob a perspectiva do modo de vida e do discurso filosóficos, podemos acercar-nos de uma passagem de Alexandre Kojève sobre a diferença entre o filósofo e o não filósofo. Três são as principais marcas distintivas do filósofo: em primeiro lugar, ele é muito mais apto na arte dialética ou na arte da discussão e da argumentação, pois, além de saber construir seus argumentos e refutar as objeções alheias, percebe facilmente as insuficiências da argumentação do não filósofo. Segundo, a arte da discussão e da argumentação permite ao filósofo libertar-se, muito mais do que o não filósofo, dos preconceitos e, portanto, estar muito mais aberto à realidade tal como ela é dependendo muito pouco ou quase nada da maneira como, num momento histórico determinado, os não filósofos imaginam que ela é. Terceiro, estando mais aberto à realidade, aproxima-se muito mais do concreto do que o não filósofo, confinado em abstrações. Ora, é justamente por isso que o filósofo não pode escolher a solidão e o isolamento, pois seu modo de vida é a discussão e a argumentação; é um estar com os outros para ouvi-los e fazer-se ouvir para persuadir os não filósofos a se tornarem filósofos também.

4 Hadot, op. cit., p. 249-253.

Dessa maneira, escreve Kojève, o filósofo deve ser um pedagogo e tentar estender indefinidamente sua ação pedagógica sem renunciar à pedagogia, porque ela é o único critério objetivo da verdade da doutrina de um filósofo: o fato de possuir discípulos é a garantia contra o perigo da loucura, pois o filósofo isolado deve admitir como critério necessário e suficiente da verdade o sentimento interior da evidência. Se esta for exclusivamente subjetiva, e ele a obtiver rigorosamente na solidão, nada lhe garantirá que não está louco.

Quem não quiser se contentar apenas com os critérios subjetivos da “evidência” ou da “revelação” (que não afastam o perigo da loucura), saberá que é impossível ser filósofo sem ser, ao mesmo tempo, pedagogo filosófico. E se o filósofo não quiser restringir artificial e indevidamente a extensão de sua ação pedagógica (correndo assim o risco dos preconceitos de “capela intelectual”), terá necessariamente tendência de tomar parte, de alguma maneira, na atividade política em seu conjunto, de maneira que sua pedagogia filosófica seja eficaz.⁵

Nessa mesma direção vai Merleau-Ponty, quando escreve, na *Fenomenologia da percepção*, que o bom professor não é aquele que diz ao aluno: “Faça como eu”, e sim aquele que lhe diz: “Faça comigo” – como o bom professor de natação, que se lança na água com o aprendiz para que façam, juntos, os mesmos movimentos, para que aprenda a

5 Kojève, Alexandre. “Tyrannie et sagesse”. In: Strauss, Leo. *De la tyrannie*. Paris: Gallimard, 1983. p. 259 (tradução minha).

conhecer e conviver com o mundo líquido. No mesmo sentido, escreve no “Elogio da filosofia”:

A filosofia não pode ser um diálogo do filósofo com a verdade, um juízo superior sobre a vida, o mundo e a história, como se a filosofia estivesse *fora deles* – e não pode subordinar a qualquer instância exterior a verdade reconhecida interiormente. Precisa de transcender esta alternativa.⁶

Como ultrapassá-la? Mantendo presente a figura do patrono da filosofia, Sócrates, cuja vida e cuja morte testemunham as difíceis relações do filósofo com os deuses da cidade, isto é, com os outros homens e com o absoluto enrijecido, cuja imagem eles lhe estendem. Se o filósofo fosse um revoltado, ninguém se chocaria, pois todos sabem que o mundo como está vai muito mal. Mas Sócrates não é um revoltado.

Que diz ele aos atenienses? A religião é verdadeira, porém não como eles a pensam e a praticam, e sim como ele a pensa e a pratica; a cidade é justa, porém não pelas razões que ela apresenta, e sim pelas razões que ele conhece. Por isso ele não foge, comparece ao tribunal, aceita a sentença e a cumpre. Mas, afinal, que crime cometeu? Responde Merleau-Ponty: “infringe-lhes [aos atenienses] esta imperdoável ofensa de os fazer duvidar de si próprios”.⁷

6 Merleau-Ponty, Maurice. *Elogio da filosofia*. Tradução de António Braz Teixeira. 3. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1986. p. 41. (Coleção Ideia Nova).

7 Ibidem, p. 49.

E por que não fugiu e aceitou a sentença? Porque a filosofia, modo de vida voltado para a verdade, o faz comparecer perante os juízes para explicar-lhes o que é a religião e o que é a cidade. O que se esperava dele? Exatamente aquilo que nenhum filósofo pode dar à cidade e aos seus deuses: o assentimento às coisas sem nenhum *considerandum*. A filosofia é crítica do instituído pela compreensão das causas e formas da instituição.

O que nos ensina Sócrates? Ninguém pode ser justo na solidão, pois quem assim pretender simplesmente deixa de ser justo. Comparecendo ao tribunal, é ele o justo, pois impede que Atenas se desonre e lhe dá a oportunidade de compreender-se a si mesma.

Que é, pois, a filosofia? É uma busca. Buscar é implicar que há o que ver, o que dizer e o que pensar. Imersa na cultura, a filosofia é aquela atividade cultural que interroga as outras, buscando sua origem, seu sentido e sua finalidade. Interroga o poder expressivo dos simbolismos que as outras manifestações culturais se limitam a praticar ou a exercer. Diz Merleau-Ponty: o filósofo é aquele que desperta e fala, exprimindo o que os outros, semiadormecidos, vivem e enfrentam num semissilêncio.

Esse despertar e essa fala indicam não somente o caráter expressivo e comunicativo da filosofia, mas também seu caráter crítico. O filósofo é aquele que é testemunha de sua busca, isto é, de sua desordem interior – *o pensamento debruçando-se sobre si próprio para saber como é possível pensar e exprimir o pensado tanto por ideias e palavras quanto por ações e sentimentos. O que é pensar, falar, sentir, agir?* Por isso,

depois de tomar distância das coisas e recolher-se em si, o filósofo não rumo para o abismo de si mesmo nem para a posse do saber absoluto, mas para a descoberta da figura renovada do mundo e de si mesmo enraizado nele na companhia dos outros.

A filosofia nos permite falar em *obra de pensamento*. Imersa numa história, a obra de pensamento é aquela que inaugura uma nova história, abre um campo de pensamento inédito graças às críticas das representações instituídas, que obscurecem o presente e o porvir. Esse ato é inaugural porque tem como solo um estado radical de não saber. É como ausência de saber e de ação que o presente suscita a obra, cujo trabalho institui saber e ação. Desde Sócrates, sabemos que o trabalho da obra começa quando revela o sono em que está mergulhada a experiência imediata, quando a desmente e a desmistifica, obrigando-a a pensar a si mesma e, ao fazê-lo, conduzi-la a reconhecer-se como necessária e ilusória.

